

Alexandre, leitor de Borges

Davi Arrigucci Jr.

*O nome é bem mais do que nome: o além-da-coisa,
coisa livre de coisa, circulando.*
Carlos Drummond de Andrade

Alex Ander foi um dos pseudônimos que usou Jorge Luis Borges em 1934, quando colaborou na Revista Multicolor de los Sábados, suplemento literário do jornal *Crítica*, de Buenos Aires. O falso nome, resultante do jogo com a forma inglesa *Alexander*, por assim dizer, repelia sua origem grega, encurtando-se na expressão afetiva do hipocorístico Alex e desdobrando-se num suposto sobrenome Ander, de eco germânico; na verdade, sugeria um duplo, o outro, que o termo *Ander* designa em alemão, secretamente contido no pronome. Por aí já se anunciavam futuras ficções borgianas, extraídas do mistério que se cifra no nome próprio ou comum, fonte primordial da poesia.

Foi pensando nessas ficções e no poder da leitura para enredá-las arbitrariamente a partir de um simples nome, que imaginei Alexandre Eulalio como leitor de Borges. A razão disto virá, quem sabe, no que se segue.

Alexandre, que foi dos primeiros adeptos de Borges no Brasil, tentou, a princípio, convencer uns poucos amigos da necessidade de ler o escritor argentino. Ao que parece, convenceu a ninguém menos que Brito Broca e Augusto Meyer, não sei até que ponto associando-se na profecia e no apostolado a Fausto Cunha; depois, com o correr dos anos, a fama do autor de *Ficciones* foi se alastrando para muito além de Buenos Aires, e não se precisava de muita fala ou esforço de convencimento, pois de secreta, a seita acabou bem maior do que a esperança, exatamente do tamanho do universo. Aí então, os amigos, que já eram muitos, extrapolando o nicho inicial do Rio de Janeiro, se convenceram, por sua vez, de que Alexandre era de fato um ente à imagem e semelhança de Borges, oscilante entre a personagem e o autor, conforme se pode

ver pelo retrato preciso que traçou dele Sebastião Uchoa Leite, em “Alexandre, o memorioso”¹. As equivalências entre o real e o imaginário, supostamente próprias de Borges, eram também desse leitor fiel, tanto assim que numa resenha fidedigna sobre o bestiário fabuloso do argentino, não se conteve e acrescentou à lista dos animais fantásticos outros da tradição brasileira ou de sua estimação, como a surpreendente piaba da cidade de Varginha, espécie de peixe-revista que, ao ser pescado, farfalhava com suas folhas impressas.

Antes de tudo, Alexandre foi um leitor detido, minuciosíssimo e algo cabalístico das inumeráveis coisas que leu ao longo da vida. É que tendia aparentemente a sacralizar os textos, abolindo o acaso da interpretação por reconhecer em todo detalhe de um livro ou de seus arredores um traço significativo, recuperável como parte do todo. Via assim em cada gesto verbal um movimento do sentido mais amplo que tudo atravessa e de algum modo se deixa explicar por fim, não pela origem providencial ou divina do livro como na cabala, mas enquanto produto humano, artístico e histórico, que ele procurava deslindar com sua enorme erudição e um profundo senso da tradição literária e da experiência histórica.

Entretanto, era tão intensa sua sensibilidade para o pormenor, tão viva sua imaginação, tão abrangente sua memória e tão irrefreável o perfeccionismo com que buscava articular cada partícula em seu devido lugar na totalidade do sentido, que ficava sempre extremamente dificultoso, aflitivo, se não impossível, exprimir tudo na fala ou na escrita, tornando-se ambas luminosas, mas frenéticas e torturadas, como se não pudesse escapar da compulsão à palavra e, ao mesmo tempo, da condenação ao inevitável inacabamento. Daí o fragmentarismo de seus comentários de leitor contumaz, que sabia falar de tudo sempre muito.

Correspondia a esse leitor também um narrador labiríntico que, pela memória, pelo vasto saber, pela arte mineira da escrita e da conversa cativante e inesgotável, enredava uma infinita ficção de si mesmo, dos livros, do cotidiano, da história, de que todos éramos partes, ainda quando inconscientes da inconcebível invenção. Como naquele castelo de fantasia de *Jacques le Fataliste*, que a ninguém e a todos pertence, já estávamos dentro ao adentrá-lo e lá permanecemos ao sair. Assim se constituiu, à maneira do outro, de Borges, o círculo alexandrino.

Não é de estranhar, portanto, que Alexandre ao se tornar um tradutor meramente brasileiro de Borges, como se intitulou, ao traduzir *El Congreso del mundo*, se juntasse, com fascínio, aos personagens Alejandro Ferri e Alejandro Glencoe, partilhando com eles idêntica perplexidade diante de um projeto de congresso que congregaria o próprio universo e da exigente tradução que acabara de empreender desse conto. O tradutor se traduzia em personagem do conto que traduziu. Mas em todos os demais textos que escreveu sobre ou a partir de Borges, sejam traduções, comentários, resenhas, *semblanzas* e até um epitáfio – provas da fidelidade do leitor e da admiração que cultivou por anos a fio –, o que ressalta desde logo é o movimento de identificação profunda, como quem encontrasse espelhada no outro uma face de si mesmo.

A ficção é aqui também confissão e provavelmente busca de um tema comum, borgiano por excelência: a questão da identidade e seus enlaces com o tema da tradição nacional, que foi também uma das preocupações centrais de Alexandre Eulalio.

Nada melhor, portanto, que inquirir, nesse sentido, a posição de Borges como leitor de Alexandre, isto é, do nome Alexandre, pois, seguindo o método alexandrino, até um mínimo detalhe pode conduzir ao todo.

Borges parecia ter uma especial queda pelo nome *Alejandro* e até pelo sobrenome, à maneira italiana, como se vê pelo personagem Roberto Alessandri de “El Aleph”. Mas adorava sobretudo histórias sobre Alexandre Magno, a cujo múltiplo destino fez inúmeras referências ao longo da obra. Sem querer esgotá-las, talvez possam ser resumidas numa série de enumerações caóticas tão ao gosto de sua prosa e dos versículos de Whitman: Alexandre foi aquele que, segundo Plutarco, toda noite guardava sob o travesseiro a *Ilíada* e o punhal; aquele que possuiu, segundo os persas, a esfera cristalina onde se esconde o secreto nome de Deus, ou ainda o espelho capaz de refletir o universo inteiro, conforme o manuscrito oriental que Henríquez Ureña teria descoberto numa biblioteca brasileira de Santos em 1942. E mais: aquele que teria visto na história de Aquiles o reflexo de seu destino de ferro; ou aquele chamado Iskandar Zul Qarnain ou al-Karnain – Alexandre Bicorne da Macedônia –, construtor da muralha para deter Gog e Magog; o indivíduo que trazia consigo, pelo simples fato de sê-lo,

conforme uma tese apriorística de Leibniz, a destinação de morrer na Babilônia; aquele que em Persépolis fez queimar os quase doze mil couros de vaca onde jaziam as obras completas do historiador árabe Tabari, a quem se deve o registro fiel da espantosa existência do asno de três patas; o soberano que quis conquistar com seus exércitos até o paraíso e ali descobriu que sua ambição desmesurada valia tanto quanto o pó, como se lê no *Alexanderlied*, redigido pelo pregador Lamprecht por volta de 1130; o homem cujo vulto permaneceu na memória do Islã e chegou até as sagas nórdicas (*Alexander Mikla Saga*); por fim, um pobre soldado errante no poema de Robert Graves. Nesta última versão, Alexandre não morre na Babilônia aos trinta e dois anos, mas vaga desmemoriado depois de uma batalha; recolhido por soldados de olhos oblíquos e tez amarela, se alista no exército estranho, a que serve em longas jornadas por desertos de geografia desconhecida, até que um dia reconhece pela efígie de uma moeda de prata a medalha que fizera cunhar pela vitória de Arbela quando era Alexandre Magno da Macedônia. Em síntese: Alexandre, que foi tantos, é outro e nenhum; seu destino ímpar, como o de qualquer homem, vai de encontro à questão da identidade, em que se resume a perplexidade de todos: quem realmente somos?

Imagino o quanto agradaria ao outro Alexandre (a quem chamávamos carinhosamente Alex) o saber-se mais uma vez aludido nesse nome e no inextricável labirinto em que ele desemboça. Mas Alexandre Eulalio, com o seu senso crítico que nunca abolia a perspectiva histórica, decerto vislumbrou, antes ou para além do abismo da indagação metafísica que se abre com a pergunta, a questão mais premente de nossas letras e de nosso verdadeiro destino histórico, enquanto latino-americanos, também sempre implicada nas inquições de Borges. Na trama de um antigo nome de um ilustre macedônio está presente nosso passado comum de países novos, que dependeu dos colonizadores e da herança cultural européia, mas que se transformou em história viva para nós, irmãos do tempo², que não cessamos de perguntar quem somos em meio ao turbilhão de acontecimentos incongruentes de que é feita nossa história. De algum modo temos mais direito a esse passado porque o vivemos no presente como problema.

Daí um sentido vivíssimo da tradição que Alexandre Eulalio

encarnou como poucos e viu reconfirmado na obra de Borges, assim como na de Machado de Assis, outra de suas paixões: a de um passado que não morre quando serve à invenção das formas novas em correspondência com a vida do nosso tempo e dos nossos países. Foi, por isso, um leitor ideal de Borges, “mais resignado, mais civil, mais intelectual” que um escritor: um daqueles “cisnes ainda mais tenebrosos e singulares que os bons autores”, como está dito num prólogo por ele traduzido, onde também estava escrito o seu destino³.

1 Ver “Alexandre Eulalio diletante”, *Remate de Males*, nº esp. org. por Maria Eugenia Boaventura e Carlos Augusto Calil, Campinas, ano V, junho de 1993, pp. 323-324.

2 “El tiempo – emoción europea de hombres numerosos de días, y como su vindicación y corona – es de más imprudente circulación en estas repúblicas. Los jóvenes a su pesar lo sienten. Aquí somos del mismo tiempo que el tiempo, somos hermanos de él”. Cf. Borges, J.L. – “Evaristo Carriego”, em suas: *Obras completas*. Buenos Aires, Emecé, 1974, vol. 1, p. 107, nota nº 2.

3 Ambas as citações foram extraídas do prólogo de 1935 à primeira edição da *Historia universal de la infamia*. Cf. ed. cit. acima, p. 289.





1961
SETEMBRO 9
ANO 3 N.º



SENHOR

Editora SENHOR S. A.
R. SANTA CLARA, 344 - COPACABANA - RIO - 57-1962 57-1963

Director-Responsável: Odylia Costa, filho.
Editores: Paulo Francis e Newton de Almeida Rodrigues
Director de Arte: Michel Burton. Assistente: Renato Viana
Revisão e Officinas: Sylvia Cruz Oliveira e Wilson Coutinho
Todos os direitos reservados. Os artigos assinados são de exclusiva responsabilidade dos actores.

Director-Executivo: Haldague Guimarães
Publicidade:
Raf. Murilo P. Reis — São Paulo: José Soares Baitão
Departamento de Circulação: Wladyr de Castro e Silva

Assinaturas e Publicidade: Estados da Guanabara, Rio de Janeiro e Espírito Santo: Rua Santa Clara, 344, fone 57-1963. Rio — São Paulo, Norte do Paraná, Goiás e Mato Grosso: Rua Sete de Abril, 404, 5º andar, fone 33-5772, São Paulo. Distribuidor: Fernando Chinsigua, impressa em Artes Gráficas Gomes de Souza.

INFORMAÇÕES COMERCIAIS

- 2 Minister é... — *Grant Advertising*, Rio
- 3, 4, 5 Visitar clientes — *Multis Propaganda*, S. Paulo
- 6 TV-Haccolmi — *McCan-Erickson*, S. Paulo
- 11 Primeiro em vendas — *McCan-Erickson*, S. Paulo
- 13 Alinda trabalhando — *J. Waller Thompson*, S. Paulo
- 15 Fonógrafos? ou Fotógrafos? — *P. A. Nascimento Acar*, S. Paulo
- 16, 17 E uma cena bonita — *C. L. N.*, S. Paulo
- 18 Peia Real — *Success Publicidade*, S. Paulo
- 75 A fragrância — *Lintas Publicidade Internacional*, S. Paulo
- 76 Cada vez mais jovem — *Aleciara Machado Publicidade*, S. Paulo
- 78 O Sr. voa alto na... — *Direto*, Rio
- 79 Boa música — *Promo S.A. Serviços de Promoção*, S. Paulo
- 80 O brilhante mundo novo dos detergentes — *McCan-Erickson*, Rio



SUMÁRIO

HUMOR

- 19 J. Q., o último dos Brabbera — *A história se repete, com mudanças no elenco* — O. C. L.

TEATRO

- 58 Impressões de Nelson Rodrigues e Guarnieri — *Um crítica à procura de dois actores de sucesso* — Paulo Francis.

LITERATURA

- 44 Notícia de Autran Dourado — *com um trecho de seu novo romance* — Paulo Mendes Campos

ARTE

- 48 A pintura sopra onde quer — *Encontro entre a literatura e a pintura* — Ferreira Gullar
- 54 Gravuras do Rio Antigo — *Aspectos da velha cidade* — Eneas Martins

ESPORTE

- 29 Capoeiragem — *A arte da rasteira sem métrica* — Rudolf Hermann
- 61 Pólo — *Os aristocratas e a bola* — Alcimar Rocha

ECONOMIA

- 39 A questão do café — *A coisa de sempre* — Theophilo de Andrade

POLÍTICA INTERNACIONAL

- 22 Critérios para uma política africana — *Realismo e não exclusivismo é a chave do continente negro* — Eduardo Portella

ESPECIAL

- 25 Por que amo Paris — *Poeta na cidade de todo mundo* — Vinícius de Moraes

FICÇÃO

- 34 Eustaquio, o duplamente romântico — Luiz A. Garcia

BELAS LETRAS

- 64 História Geral da Infâmia — Jorge Luis Borges

FOTOGRAFICA

- 52 O biquíni é casto — Manuel Bandeira

PERMANENTES

- 10 Sr. & Cia.
- 77 Carta de Informações

CRÉDITOS

Capa: Michel Burton
Pág. 20: Michel Burton
Págs. 22, 67 a 74: Glaucio Rodrigues
Págs. 29, 30, 31, 40, 41, 45, 50, 61, 62 e 63: Mário Ketter
Págs. 7, 33 e 55: Jaguar
Pág. 34: Ester Iracema Joffily
Págs. 52 e 53: Enrico Bianco
Págs. 56 e 57: Antônio Andrade